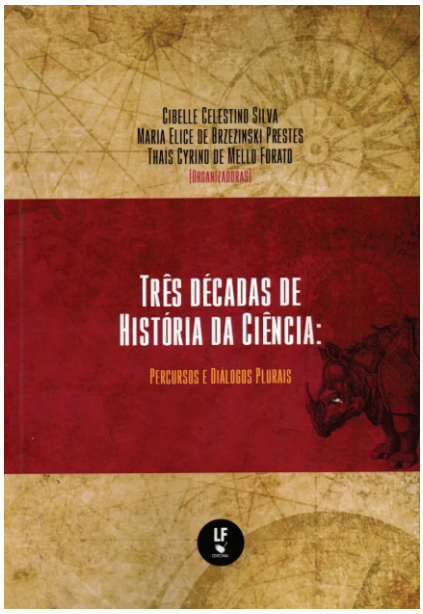
RESENHA

DOI: https://doi.org/10.53727/rbhc.v19i1.1238

Três décadas de história da ciência: percursos e diálogos plurais, organizado por Cibelle Celestino Silva; Maria Elice Brzezinski Prestes e Thaís Cyrino de Mello Forato (São Paulo: LF Editorial, 2024)

Gabriel Vanzo Rodrigues | Universidade Federal do Rio Grande do Sul
gb.vanzo@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-9756-1143



Três décadas de história da ciência: percursos e diálogos plurais reúne trabalhos apresentados no ciclo comemorativo dos 30 anos do Grupo de História, Teoria e Ensino de Ciências (GHTC). Embora tenha origem comemorativa, o volume organizado por Cibelle Celestino Silva, Maria Elice Brzezinski Prestes e Thaís Cyrino de Mello Forato não se limita à celebração da trajetória do grupo. A obra oferece um panorama de algumas das transformações que acompanharam a consolidação da história da ciência no Brasil nas últimas décadas e de suas interfaces com o ensino das ciências da natureza. Ao reunir pesquisadores e pós-graduandos de diferentes instituições, revela a diversidade da comunidade acadêmica constituída em torno do GHTC e a constante interlocução entre pesquisa histórica, reflexão filosófica e ensino.

Essa diversidade se expressa nos 15 capítulos da coletânea, que percorrem problemas e abordagens bastante distintos, reunidos em torno da trajetória e das áreas de atuação do GHTC. O texto de abertura, de Roberto de Andrade Martins, é importante nesse sentido, pois reconstrói a formação do GHTC e a situa no processo mais amplo de institucionalização da história da ciência no Brasil. Ao recuperar iniciativas como os primeiros encontros nacionais da área, a criação da Sociedade Brasileira de História da Ciência e da *Revista Brasileira de História da Ciência*, o capítulo oferece o contexto necessário para compreender a própria lógica do volume e constitui, ele próprio, um registro de como essa tradição de pesquisa se consolidou no país.

Um dos principais méritos da coletânea reside na pluralidade de abordagens historiográficas que abriga. Alguns capítulos partem de investigações documentalmente rigorosas, como a análise filológica de Breno Arsioli Moura sobre as traduções da *Opticks* de Isaac Newton (1642-1727) ou o estudo de Aldo Mellender de Araújo a respeito de uma obra pouco explorada

de Theodosius Dobzhansky (1900-1975). Outros tomam questões metodológicas como objeto central, como o trabalho de Maria Elice Prestes e Marcelo Pavani sobre a escrita de biografias científicas. Embora distintos em seus objetos, esses estudos compartilham uma preocupação com a escolha das fontes e, sobretudo, com a forma como elas são interrogadas.

Essa preocupação metodológica reaparece em capítulos voltados à reflexão filosófica. Alberto Cupani discute as relações entre inteligência humana e tecnologia em um momento em que a inteligência artificial recoloca antigos problemas filosóficos sob novas perspectivas. Já Olimpia Lombardi revisita o determinismo com base na física clássica e da relatividade, enquanto Olival Freire Junior examina os próprios rumos da história da ciência como disciplina. Embora partam de problemas distintos, os três textos convergem ao recusar leituras simplificadoras e reafirmar a importância da reflexão filosófica e epistemológica para a compreensão da produção do conhecimento científico.

Essa diversidade de abordagens aparece também no capítulo de Cibelle Celestino Silva e Rafael Sobrinho Laporte, que revisita a controvérsia em torno da velocidade da luz. Ao reconstruir historicamente esse episódio, os autores acompanham as diferentes formulações assumidas pelo debate ao longo do tempo e ressaltam o caráter historicamente situado dos conceitos científicos.

Uma das aproximações mais interessantes propostas pela coletânea ocorre entre a história da ciência e a antropologia. Os trabalhos de Alejandro Martín López e Walmir Thomazi Cardoso ampliam o escopo tradicional da disciplina ao incorporar contribuições da astronomia cultural. Além de apresentar estudos de caso, ambos exploram como diferentes sistemas de conhecimento se constituem em interação com seus contextos sociais e políticos. Essa perspectiva amplia o horizonte historiográfico do volume ao incorporar formas de produção e organização do conhecimento que ultrapassam os espaços e atores tradicionalmente privilegiados pela história da ciência.

Considero o estudo de Karel Pontes Leal e Thaís Forato sobre as chamadas "garotas do rádio" o capítulo mais interessante da obra. Além da riqueza documental e da fluidez da narrativa, seu principal mérito reside na maneira como integra a história da ciência à história do trabalho, à história ambiental e à história da saúde em torno de um episódio emblemático do século XX. Ao acompanhar a luta dessas mulheres por reconhecimento e justiça, o texto explora como a história da ciência não se restringe à reconstrução de teorias ou "descobertas", mas pode também lançar luz sobre as profundas implicações humanas, sociais e políticas da atividade científica. O capítulo constitui, assim, um exemplo bem-sucedido de diálogo com outras vertentes historiográficas, sem perder de vista as especificidades da história da ciência.

Os capítulos dedicados ao ensino de ciências exploram a interlocução entre pesquisa historiográfica e práticas educativas, uma dimensão que acompanha a própria trajetória do GHTC. Tanto a crítica de Susana Gisela Lamas aos livros-texto de evolução quanto a discussão de Juliana Mesquita Hidalgo, Milton Schivani e Mykaell da Silva Martins sobre ambientes virtuais convergem para a ideia de que incorporar a história da ciência ao ensino requer uma compreensão historiográfica consistente, capaz de evitar simplificações frequentemente reproduzidas no contexto escolar.

O capítulo final, de Roberto de Andrade Martins, dedicado ao uso de fontes primárias, encerra a coletânea com uma discussão de caráter metodológico. Ao sistematizar procedimentos

de leitura crítica das fontes históricas, o autor oferece uma contribuição para estudantes e jovens pesquisadores interessados na prática da pesquisa em história da ciência. Sua posição ao final do volume estabelece ainda um diálogo interessante com o capítulo de abertura do mesmo autor: se o primeiro reconstrói a trajetória institucional do GHTC, o último volta-se para um dos elementos fundamentais da prática historiográfica, o trabalho crítico com as fontes.

A diversidade que constitui uma das qualidades da coletânea também impõe limites à sua unidade interna. A amplitude de objetos, abordagens e propósitos faz com que nem sempre sejam evidentes os diálogos entre os capítulos, para além de sua vinculação à trajetória do GHTC. Essa heterogeneidade é compreensível em uma obra dessa natureza e permite reunir diferentes vertentes desenvolvidas ao longo dos 30 anos do grupo, mas em alguns momentos deixa ao leitor a tarefa de estabelecer as conexões entre contribuições bastante distintas.

A amplitude temática da coletânea não significa, contudo, que ela possa ser tomada como um retrato abrangente da história da ciência praticada no Brasil. Sua própria origem comemorativa estabelece os limites dessa representatividade, uma vez que os capítulos refletem sobretudo trajetórias, problemas e interlocuções construídos em torno do GHTC ao longo de três décadas. Essa delimitação não constitui necessariamente uma deficiência da obra, mas é importante para compreender seu alcance. Nesse sentido, o volume oferece uma perspectiva sobre a consolidação e a diversificação de uma tradição específica de pesquisa e sobre as conexões que ela estabeleceu com outras áreas e instituições.

Considerados em conjunto, os capítulos permitem observar diferentes dimensões da trajetória intelectual e institucional do GHTC ao longo de três décadas. Investigações documentais, reflexões epistemológicas, aproximações com outras vertentes historiográficas e discussões sobre o ensino de ciências convivem no volume e permitem acompanhar as transformações dessa tradição de pesquisa. A coletânea constitui, assim, uma leitura valiosa para estudantes e pesquisadores interessados tanto na prática da história da ciência quanto em alguns dos caminhos percorridos pela área no Brasil nas últimas décadas.

Recebido e aceito em setembro de 2026